

Resumo



Só posso dizer sinceramente o que penso sobre as primeiras aulas que infelizmente foram com outra professora porque não as vivi e pouco mesmo delas ouvi. De maneira que vou apenas dizer o que sinto sobre as da Sr^a D^a Maria de Lourdes. Primeiro que tudo acho que devo dizer que todas as aulas me interessaram muito e que nelas vivi algumas das horas mais intensas da minha vida.

— x —

Vozes das Trevas

Essas assustosas intenciones me particularmente pois elas chamam-me muitas vezes e só com grande força de vontade consigo combatê-las. São elas as vozes do sonho, do irreal, daquilo que nos engana muitas vezes.

Quando se tem Fundação Cuidar o Futuro afetivo como eu sei elas que me levam a sonhar com a pessoa para quem o mais alto grau dessa afecção é dedicado e com coisas que talvez nunca poderão acontecer.

Creio que são estas as vozes mais prejudiciais para uma rapariga de 14 anos que pouco sabe da vida mas que ama ^{avida} de todo o seu coração. Sr^a D^a Maria de Lourdes, se soubesse quantas horas de incerteza, quantas horas de falta de confiança, quantas desilusões eu tenho sofrido, apesar de me compreender, compreender-me-ia ainda melhor. Creio que é uma alma que está a formar, uma alma ainda inconsistente mas que está pronta a receber tudo o que da vida lhe possa vir; é uma alma que ao mesmo tempo tem medo de si própria pois entrega-se com muita facilidade aos outros, e essas vozes das trevas têm sempre uma irrealidade tão grande que quando se despoja delas tem-se sempre uma desilusão e assim eu sinto-me ^{muitas} mais uma vez só.

Só, porque talvez tenha uma certa timidez em me revelar completamente e por isso só muito poucos me conhecem e com-
preendem, mas na minha vida surgiu um dia uma luz de paz e de compreensão que eu não poderei jamais esquecer. Foi sem dúvida a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes. Mas uma coisa lhe peço: não pense que tudo isto é uma fantasia da minha alma adolescente, porque não é, é já um fruto do despertar dela, é já uma maneira de querer englobar os outros e recebê-los numa grande amizade, numa grande dedicação. Desde então tenho sentido que qualquer coisa de diferente está a nascer em mim, mas já não me sinto tão só, porque já tenho alguém que eu tenho a certeza que me compreende, seja pela amizade, pelo menos pela experiência e conhecimento da psicologia das adolescentes. Seja como for, eu sinto-me um tanto amparada, com mais coragem para vencer tudo o que têm feito de mim, até aqui, uma rapariga des preocupada demais e demasiado exclusivista. Fundação Cuidar o Futuro

As vozes das trevas são tão fortes que agora até estou convencida de que quando outro dia disse à Sr.^a D.^a Maria de Lourdes que andava absolutamente abstrata, eram essas vozes que se tiravam apoderado de mim, mas felizmente consegui combatê-las em grande parte. No entanto conheço uma rapariga que é incapaz de combatê-las, não porque não tenha força de vontade suficiente para isso, mas porque se sente bem nesse mundo do sonho. Mais de uma vez tenho tentado aconselhá-la e dissuadi-la e ajudá-la a combatê-las mas nunca consegui nada. Nela estas vozes fazem-na sonhar consigo própria e como ela se guia por elas, tem procedimentos e maneira de ser, que é maior parte das vezes censuradas. Apesar destas vozes, quando são ouvidas em demasia, serão prejudiciais, desta maneira são perigosíssimas, pois, assim como estes procedimentos de agora não têm importância, mais tarde podem induzi-la a graves erros. Isto desta maneira acho que é preciso muita força de vontade e muita

segurança em nós mesmas, para não nos deixarmos guiar por elas.

= Camaraadagem =



Camaraadagem entre rapazes e raparigas:

Esta camaraadagem está presentemente transformada num constante galanteio. E eu acho que não está certo. Não deve ser assim. E ao escrever estas palavras a uma pessoa que eu tenho a certeza que compreende e está de acordo e dar coragem a mim mesma para combater um tanto esse defeito da tendência que a rapariga tem para se deixar reduzir por qualquer procedimento que mostre que o rapaz se interessa por ela, o que é muitas vezes um engano da sua parte. Eu, sinceramente, de vezes sou atacada por esse mal mas felizmente nunca dei a conhecer e desta maneira ^{combater} Cuidar o futuro facilmente e sem deixar perceber a esses rapazes o que se passa. Tenho tido também a sorte de conviver com rapazes que são autênticos camaradas e podendo nos divertir despreocupadamente sem que em qualquer fase ou procedimento, vá alguma dose de malícia.

A rapariga deve respeitar para também ser respeitada. Deve ser moderada em tudo o que faça perante um rapaz, com simplicidade que estas qualidades mais importantes para que ela seja realmente uma camarada ideal e considerada por todos.

Camaraadagem entre raparigas:

Quanto a esta espécie de camaraadagem acho que a maior parte das vezes deves muito a desejar. A rapariga é muitas vezes pouco real em face do outro, porque as vozes das trevas a faz sonhar com coisas que ainda vêm longe, mas que ela

deseja alcançar, servindo-se muitas vezes de todos os meios e processos.

Nesta accepção as vozes das trevas têm o seu sentido mais prejudicial e mesmo impróprio dumra rapariga que se preza de o ser. Cultiva, assim, em si um dos piores defeitos: a deslealdade para o próximo e para consigo mesma pois ela acaba por se eludir e levada pela ilusão, não pensa sequer nas responsabilidades que assume.

Sem ser sob este aspecto a camaradagem entre raparigas é muitas vezes háida, principalmente nos liceus e outras escolas onde se encontram raparigas de todos os caracteres. Como a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes sabe, na nossa turma, há muita falta de camaradagem, exactamente porque cada uma quer olhar numa direcção e seja no que for, para haver completo entendimento entre varias pessoas é necessária que todas olhem na mesma direcção e que é o que nos diz "Aimer n'est pas regarder l'un, l'autre, mais regarder ensemble, dans la même direction". Na nossa turma, cada uma quer tirar o melhor proveito das suas qualidades não tendo a preocupação de as transmitir às outras, mais pobres delas. Se se procedesse d'outra forma, se o espirito de serviço estivesse mais apurado, todas se compreenderiam mutuamente e aumentaria o grau de amizade, d'uma maneira geral. Eu sei que até aqui pouco tenho realizado neste sentido, mas prometo à Sr.^a D.^a Maria de Lourdes que vou fazer todos os esforços nesse sentido. Sobre isto que acabei de dizer, há pouco, tenho uma coisa para lhe contar e sobre a qual me gostava que a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes me dissesse alguma coisa.

Com certeza que conhece a Maria Amélia do 4.^o-3.^a. Eu fui muito amiga dela no 2.^o ano. Depois comecei a descobrir muitas coisas e outros procedimentos com que eu não estava de acordo e afastei-me. Nunca mais me dei com ela. O ano passado em conversa com uma das melhores amigas dela, essa rapariga disse-me que eu tinha sido má e brusca para a Amélia, pois ela tinha dito que se tinha gostado de alguma rapariga do liceu, ti-

Uma rido eu. Naquela altura senti-me envergonhada, confun-
 dida e um tanto enternecida. Pensando melhor, talvez não tenha
 sido verdade, mas também é possível que o tivesse sido, e nesse
 caso eu sinto remorsos. Remorsos, porque eu compreendo que só
 se é amiga duma rapariga nestas condições, quando se reúne
 todas as nossas pequeninas e grandes qualidades para a ter
 como melhor. Neste caso eu acho que deveria ter feito todos
 os esforços por me tornar melhor, tornando melhor uma ami-
 ga. Não pode calcular quanta vergonha eu sinto de mim
 própria quando penso nisso, pois não soube aproveitar a
 amizade de uma rapariga, e quanta ternura eu sinto
 por ~~essa~~^{ela} rapariga quando penso que ~~ela~~ poderia ter gostá-
 do de mim.

Talvez tivesse podido ir ter com ela e pedir-lhe desculpa
 dizendo-lhe que estava ao seu dispor para tudo o que lhe
 fosse preciso, mas o orgulho mais uma vez não deixou.
 Como já disse gostava que a Sr.ª D.ª Maria de Seroudes me des-
 se as duas opiniões.

De sobre camaradagem, essa palavra que toda a gente em-
 prega mas que raramente compreende, penso ter já dito o
 principal sobre o que se disse durante as nossas aulas.

A maior qualidade de uma rapariga.

A respeito dessa qualidade, em primeiro lugar, acho que está
 a realidade para consigo própria. Porque se nos formos leis
 para nós mesmas, dificilmente nos o seremos para os outros
 e então temos uma grande pureza de alma. Sendo pura
 de alma, dificilmente o pecado entrará nela e poder-se-á
 subir cada vez mais alto, nessa montanha espinhosa, mas
 tão bela, que é a perfeição. É essa pureza que torna a ra-
 pariga a melhor arma regeneradora de qualquer pessoa. É nós, as
 raparigas que tanto lemos e muitas vezes livros tão bons, não sabe-
 mos a maior parte das vezes reparar ou parte má da grande li-

moral que eles contém e que nós devíamos imitar na medida do possível. Quantas vezes eles nos contam a história duma rapariga que, pela sua pureza, pela sua abnegação e pela sua dedicação consegue duma rapariga (ou de um rapaz) mal educada, viciosa, desmoralizada, com uma alma cheia de impureza, a rapariga (ou rapaz) bem educada, sem vícios e cheia de ideais puros. Isto sim, acho que é uma das melhores obras da rapariga e não como está acontecendo agora, por ela a causadora e até mesmo a provocadora desses males do rapaz, salvo honradíssimas exceções. Mas quase sempre a rapariga (sentido geral) quando lê um livro, apesar de interessar a história em si e não qual a moralidade que ela nos pretende ensinar. Não quero dizer que não devamos interessar também pela história, o que não devemos, é ter no nosso espírito como causa predominante da leitura esses erros baixos e impuros.

No meu espírito surge sempre uma dúvida, uma preocupação mesmo, que a Sr.ª D.ª Maria de Lourdes compreende exatamente: como poderás essas raparigas que não têm grandes escrúpulos com a sua alma, que pouco se importam com a educação dos seus filhos de forma a que Portugal possa confiar neles e a entregá-los a essa juventude que devia ser o exemplo digno da mocidade de Portugal. Sinceramente, só isto Sr.ª D.ª Maria de Lourdes, me dá forças para me tornar melhor.

— x —

Espírito de serviço

O espírito de serviço é o que todos nós devemos ter. Acho que começando pelas mais pequeninas coisas materiais até às mais solenes morais, tudo o que fazemos pelos outros deve ser com verdadeiro espírito de serviço e não, pensando que é uma obrigação ou pensando nas vantagens que isso nos possa trazer. Penso que não é obrigação porque toda a nossa contribuição deve ser dada porque nós sentimos que é assim, porque nós sentimos que os outros menos venturosos, sentem e ainda porque nós devemos ser de dentro para fora e não de fora para dentro. Não deve ser por egoísmo.



mo, porque é tempo que se perde, pois para o mundo pode parecer tudo muito certo, mas para Deus não há segredos, por isso não tem valor nenhum, vale só por até Deus que é o nosso espírito ^{deus} vivo, para mais depressa subirmos na perfeição. Vou digo isto Sr.^a D.^a Maria de Lourdes, porque tenho um exemplo na nossa turma. Há lá uma ou duas raparigas, que ajudam as outras, a maior parte das vezes, não porque elas sentam esse espírito de serviço, mas porque pensam que quem as observa não poderá dizer que elas não são boas colegas, pelo conteúdo que são muito boas colegas amigas de ajudar e estão sempre prontas para isso. A Sr.^a D.^a Maria de Lourdes não acha, que quem procede assim tem o espírito cheio de hipocrisia? O que faz tudo automaticamente? Ora, quem não sente o que faz, não é, e portanto não existe. São uns bonecos articulados. Às vezes falando com essas raparigas elas dizem-me que é a maneira de ser delas, que não acham mesmo. Vou então digo-lhes que não devem ser assim pois para elas é prejudicial e para quem está ao contacto com elas, muito mais o espírito cheio de hipocrisia é posta à prova. gostava que a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes me dissesse se eu estou em erro, julgando desta maneira.

A Sr.^a D.^a Maria de Lourdes pode ver que eu não tenho um grande espírito de dizer mal, porque sou até benevolente, mas como para a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes eu não tenho praticamente segredos, digo tudo o que penso.

Vou não acho que seja espírito de serviço chegar junto destas pessoas e dizer-lhes assim, bruscamente, todas estas coisas nem tão pouco, junto delas concordarem com os seus procedimentos, dizem que elas têm muita razão, e depois em grupo eu ouve. Acho que quando se quer dizer uma coisa destas a uma rapariga se deve arranjar conversa e depois com bons modos e compreensivamente, explicar-lhes tudo o que pensamos.

A Sr.^a D.^a Maria de Lourdes não é da minha opinião? Penso que sim pois sempre eu vi proceder desta maneira: branda e compreensivamente. No entanto, há lá na turma quem proceda



ca delas para me abrir, e as melhores amigas pareciam não sentir da mesma maneira e nunca me atrevi por isso a fazer-lhes confidências sobre este assunto. Assim passei os 2 1.ºs anos da minha vida de adolescente. Neste ano, porém, encontrei uma rapariga mais ou menos compreensiva, foi a Beatriz. Durante o 1.º período tudo correu pelo melhor. No 2.º período com o Carnaval a Beatriz desistiu-se completamente e tornou-se mesmo um tanto egoísta. Felizmente que foi só nestes dias mas no entanto há uma coisa que me magoa imenso: tenho a impressão de que ela já não deposita em mim toda aquela confiança que depositava anteriormente, chega mesmo em algumas vezes a ser brusca e ainda não sei mais isso porque ela foi sempre meiga e compreensiva. Para este período não sei o que me está reservado, mas agora já estou mais resignada, pois posso contar tudo à Sr.ª D.ª Maria de Lourdes. Não quero de qualquer modo dizer que por a Beatriz estar a proceder deste modo eu goste menos dela, porque no fundo gosto da mesma maneira mas no entanto, vou proceder, e ultimamente já adoptei este processo, da mesma maneira ^{que ela}. Custa-me um pouco mas acho que é preciso que ela sinta que realmente me está a magoar. Como a Sr.ª D.ª Maria de Lourdes está vez tentado uma adolescência tímida, reservada, mas por outro lado expansiva, cheia de problemas e corações.

Já me estou a afastar um tanto do assunto mas eu sentia a necessidade de dizer isto desta maneira, ^{a alguém} porque para falar, contava-me mais e naturalmente à Sr.ª D.ª Maria de Lourdes também, porque está sempre muito ocupada e tem sempre muita coisa que a preocupa.

Mas como eu estava a dizer, na adolescência preparam-nos para a vida e estamos sempre tão absorvidas no desejo de a desvendarmos, de a conhecer, que a maior parte das vezes não nos lembramos das situações graves que atravessamos, nem da miséria que assolou o mundo; e não sei que tenhamos a sorte de ter uma pessoa que nos faça compreender o que para nós é ainda um mundo fechado, despertando-nos ao mesmo tempo a necessidade de possuímos uma paz interior muito profunda para que exteriormente a possamos irradiar a tudo e a todos, para

que nos habituemos a possuí-la a fim de que mais tarde a nossa obra de maternidade espiritual possa ter êxito completo. Como nos disse a Sr.ª D.ª Maria de Lourdes a nossa desordem interior, não terá a primeira vista, nenhum reflexo no aspecto mundial, mas eu acho que é exactamente por todos pensarem assim que ninguém procura ter essa paz espiritual forte, e por isso essa desordem tem o seu reflexo nos procedimentos e eis porque ninguém se entende. Assim se passa a adolescência. Depois vem a juventude e é nessa altura que eu acho que se poderia dar muito, mas a grande parte das raparigas começam a pensar em casar e essa ideia absorve-as completamente.

Depois atinge-se a maioridade e nessa altura é que chega a hora da nossa missão, seja ela qual for. A hora, quero eu dizer, a altura em que a nossa missão é-nos inteiramente revelada e por nós compreendida, pois já anteriormente de uns anos ter começado a realizá-la. Nesta altura é preciso que se reúnam todas as qualidades e todas as nossas forças para a podermos cumprir e poderemos ter a consciência absoluta de que estamos a dar tudo o que de bom possuímos.

Lição da Páscoa

Deve ser o lema da nossa vida. Que essa lição de abnegação, de amor, de serviço, nunca se apague da nossa memória. Ou não ^{sei} porquê, ao falar de Deus, da Sua obra, da Sua lição, sinto que esta palavra Deus encerra uma tal grandeza, de uma tal grandeza, que chego a ter receio de a pronunciar alto. Mas, em perfeito contraste, quando digo menino Jesus, é uma tal paz interior, uma confiança, uma certeza de que o menino Jesus me ouve e compreende que quando alguma coisa me atormenta e não tenho ninguém a quem contar, é com Jesus menino que eu desabafava. A Sr.ª D.ª Maria de Lourdes é possível que me chame tola, mas a verdade é que eu sempre senti da mesma maneira estas sentenças.

Ao pensar na Páscoa, vejo que por de boas coisas tem sido a minha vida. Tuas promessas à Sr.^a D.^a Maria de Lourdes que vou fazer todos os possíveis para me tornar melhor e "subir cada vez mais alto no caminho da perfeição", como a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes pediu por mim, ou melhor me ajudou a pedir junto do Presépio.

A Sr.^a D.^a Maria de Lourdes talvez não saiba qual a razão porque eu faço esta promessa assim, mas é que eu quando prometo qual quer coisa a alguém, depois não tenho coragem para faltar, de maneira que assim é-me mais fácil cumprir e portanto aperfeiçoar-me.

— x —

Pensei que já falei das coisas principais discutidas na aula e não quero mais nada mais.

Para acabar só quero dizer uma coisa: a Sr.^a D.^a Maria de Lourdes pode ter a certeza que os seus conselhos são sempre bem vindos e bem acolhidos pela minha alma e que tem sido em grande parte, sob essa aceção conselheira, boa e amiga que essa almozinha turbulenta e sensível, que é a minha, se tem formado mais sólida e intensamente, com uma noção mais acentuada do que é a vida e os seus componentes (tanto materiais como morais).

Maria Lourdes B. Leuquesma

— x —

Particular: Houve dia fiquei muito magoada quando me disseram para ter cuidado com as colegas e não lhes dar a conhecer essas "amizades violentas", (foi uma delas que me disse isto) porque elas podiam contar a alguns rapazes, e eu ficava assim desconsiderada perante todos. Fiquei tão aflita, que não calcula. Depositei sempre confiança suficiente (neste sentido) nas colegas, para elas poderem saber estas coisas, e nunca pensei nem concibi, que uma rapariga tivesse conversas sobre semelhante assunto, com rapazes que nem compreendem bem têm presentemente educação para respeitar estes sentimentos de uma rapariga. Tive vontade de contar logo, tudo isto à Sr.^a

D^a Maria de Lourdes, mas como foi no último dia de aulas e eu sabia que estava muito ocupada, resolvi não a procurar, nem sequer lhe dar a liberdade de lhe telefonar.

Sinceramente, nunca pensei que existissem raparigas da minha idade, com tanta falta de senso e de compreensão dos problemas alheios. Vou ter a certeza de que, se em vez das tais «amizades violentas», eu tivesse algum devaneio que com qualquer palerma que há para aí, não era censurada, mas como me dedico a sério às pessoas que o merecem, sou censuradíssima.

Vou e³ elas tiveram muita sorte em: nem eu nunca^{as} ouvir dizer semelhantes disparates, nem elas me censurarem junto de mim, por que eu podia perder a cabeça e era o fim do mundo, lo entanto fiquei profundamente magada e sentida quando me preveniam para ter cuidado com essas falsas amigas.

Voston não aborecida por causa disto, que não calcula. A maior parte dessas raparigas não sabem com certeza com as coisas não, mas têm um tal mau espírito da crítica que aproveitam uns leves boatos para lo ~~fundar~~ ~~condemnar~~ ~~criticar~~.

Esperaria que o Sr. D^a Maria de Lourdes me dissesse, faz favor, o que julga que eu devo fazer para tirar essas ideias erradas, do espírito dessas colegas.

Desde já obrigada

M^a Lourdes B^e Quaresma